



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA – UNILAB**

INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS

PEDAGOGIA

SAMARA ARAÚJO PESSOA DE OLIVEIRA

**O TEMPO DO RECREIO NA ROTINA DE UMA ESCOLA EM ANTONIO
DIOGO-CE**

REDENÇÃO

2018

SAMARA ARAÚJO PESSOA DE OLIVEIRA

**O TEMPO DO RECREIO NA ROTINA DE UMA ESCOLA EM ANTONIO
DIOGO-CE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de graduação em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, sob a orientação da professora Dr^a Lucilene Rezende Alcanfor.

REDENÇÃO

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Oliveira, Samara Araújo Pessoa de.

o42t

O tempo do recreio na rotina de uma escola em Antonio Diogo-CE /
Samara Araújo Pessoa de Oliveira. - Redenção, 2018.
62f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto De Humanidades E
Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2018.

Orientadora: Profa. Dr^a Lucilene Rezende Alcanfor.

1. Educação. 2. EDUCAÇÃO INFANTIL. 3. BRINCAR. 4. RECREIO.
I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 370

Samara Araújo Pessoa de Oliveira

**O TEMPO DO RECREIO NA ROTINA DE UMA ESCOLA DE ANTONIO
DIOGO-CE (UNILAB)**

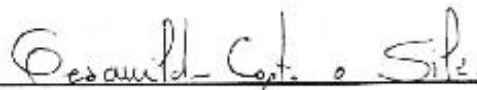
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia sob orientação da Profa Dra Lucilene Rezende Alcanfor.

Aprovada em: 29/5/2018

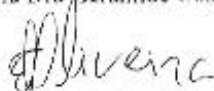
BANCA EXAMINADORA:



Prof.ª Dra Lucilene Rezende Alcanfor – UNILAB (Orientadora)



Prof.ª Dra Geraniide Costa e Silva – UNILAB (Examinadora)



Prof. Dr. Evaldo Ribeiro Oliveira – UNILAB (Examinador)

AGRADECIMENTOS

É com grande prazer que concluo esse trabalho, agradecendo a Deus, em primeiro lugar, pois não teria passado por esse caminho cheio de dificuldade sem a força necessária e unção por meio do seu Santo Espírito de paz e amor.

Em segundo lugar, quero agradecer, meu Esposo Murilo, que hoje contempla a face do Senhor no céu, ele que tanto me ajudou, me incentivou a chegar onde eu estou hoje, e seu maior sonho era me ver formada em Pedagogia. Dedico essa monografia a você meu guerreiro.

Quero mostrar também meus agradecimentos a meus pais, de modo especial minha mãe, que por tantas vezes me ajudou e ajuda com o meu filho sempre que eu preciso, e a meu pai, que como minha mãe, nunca me disse não quando eu precisei e ainda preciso dele, em ficar com meu filho sempre que preciso, em ir me buscar no ponto de ônibus por cinco anos, quase que todas as noites, arriscando sua vida, mas nunca deixou de ir me buscar, Pai eu amo você. E quem me conhece sabe que eu sempre preciso dos meus pais.

Quero agradecer todos os meus amigos da universidade, da primeira turma de pedagogia, a quem cito os nomes de cada um: Kelly Maria, a estressada. Rozileia Bezerra, a mãe mais esbelta. Jezabel do Nascimento, a inteligente. Sabrina Sousa, a feliz. Aline Candido, a doida. Willame Lima, o inteligente, depois da Jezabel. Marygidiane Cavalcante, a mãezona mais top da turma. Flayana, a fitness.

Sem esquecer de minha orientadora, a orientadora mais top, Prof^a Dr^a Lucilene Rezende Alcanfor que me aguentou até o fim, com minhas preguiças e em deixar tudo para a última hora, ela que quase desistiu de mim, mas decidiu me levar até o fim. Obrigado por não desistir de mim.

Quero agradecer a todos que me ajudaram direta e indiretamente, nesse caminho em que concluo mais uma etapa na minha vida.

Obrigado a todos.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo discutir e problematizar quanto ao tempo destinado às atividades lúdicas, especialmente o tempo do recreio, na educação infantil e no ensino fundamental, a partir das observações da rotina de uma escola pública municipal localizada no Distrito de Antônio Diogo do município de Redenção-CE. Foi realizada uma pesquisa de observação das crianças no recreio, tendo como objetivo, descobrir qual o verdadeiro valor dado ao brincar dentro da escola na hora do recreio. Assim como, também perceber além de um questionário com cinco perguntas sobre o recreio: como é organizado, sobre a importância do recreio, sobre as brincadeiras, sobre o tempo do recreio, e a importância do recreio para a criança, o ponto de vista das professoras. Esse questionário foi direcionado às professoras, à diretora e à coordenadora pedagógica. Para a construção de dados para a pesquisa, foi realizado observações em períodos diferentes, pelas quais pudemos constatar que, de fato, o recreio na escola pesquisada não é tão priorizado, como um momento de aprendizado e de construção dos saberes, limitado apenas a 15 minutos, dividido entre: lanche, brincar, socializar, ir ao banheiro e tomar água, e um dos mais importantes saberes, aprender com o outro por meio das brincadeiras. A pesquisa teve como intuito saber o ponto de vista das professoras da escola e a observação para constatação dos dados e comprovação do que as professoras responderam no questionário a respeito do tempo do recreio.

Palavras-chave: Recreio. Tempo. Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Brincar. Rotina.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Espaço da pracinha.....	16
Foto 2 – Espaço da pracinha.....	16
Foto 3 – Espaço da pracinha.....	17
Foto 4 – Espaço da pracinha.....	17
Foto 5 – Pátio coberto da escola.....	17
Foto 6 – Pátio coberto da escola.....	18
Foto 7 – Pátio descoberto da escola.....	18
Foto 8 – Espaço da Pracinha e da Igreja.....	19
Foto 9 – Espaço da Pracinha e da Igreja.....	19
Foto 10 – Sala de aula do projeto Mais Educação.....	20
Foto 11 – Sala de aula do projeto Mais Educação.....	20
Foto 12 – Sala de aula do infantil IV e da EJA.....	20
Foto 13 – Sala de aula do infantil IV e da EJA.....	21
Foto 14 – Sala de aula do 3º e do 4º ano.....	21
Foto 15 – Sala de aula do infantil III e do 5º ano tarde.....	21
Foto 16 – Sala de aula do infantil III e do 5º ano tarde.....	22
Foto 17 – Sala de aula do 5º ano manhã e do 8º ano tarde.....	22
Foto 18 - Sala de aula do 5º ano manhã e do 8º ano tarde.....	22
Foto 19 – Alunos no recreio dirigido	29
Foto 20 – Alunos no Recreio.....	30
Foto 21 – Alunos no recreio dirigido.....	33
Foto 22 – Alunos no recreio dirigido.....	33
Foto 23 – Alunos no Recreio.....	33

Foto 24 – Jogos de blocos de construção	37
Foto 25 – Jogos de blocos de construção.....	38
Foto 26 – Recreio dirigido com esportes.....	43
Foto 27 – Crianças no recreio livre.....	45
Foto 28 – Recreio dirigido.....	45
Foto 29 – Crianças no recreio dirigido brincando livremente.....	49
Foto 30 – Crianças no recreio dirigido.....	50
Foto 31 – Crianças no recreio dirigido.....	51
Foto 32 – Crianças no recreio dirigido.....	51
Foto 33 – Crianças no recreio dirigido.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1 – CULTURA DA INFÂNCIA NA ESCOLA	15
1.1 - Recreio: lanchar ou brincar?	15
1.2 - Localização da escola	15
1.3 - Dialogando sobre o brincar	23
1.4 - A cultura lúdica no recreio	26
CAPITULO 2 – O TEMPO DO RECREIO	29
2.1 - A rotina da escola	29
2.2 - O espaço do recreio	31
2.3 - O brincar no recreio: do que as crianças brincam?	35
CAPITULO 3 – O QUE AS PROFESSORAS TÊM A DIZER SOBRE O RECREIO	40
3.1 - Ouvindo as professoras, diretora e coordenadora pedagógica	40
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
ANEXOS.....	61

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho de conclusão de curso da licenciatura em Pedagogia, na UNILAB, é discutir e problematizar quanto ao tempo destinado às atividades lúdicas, especialmente o tempo do recreio, na educação infantil e no ensino fundamental de uma escola do Distrito de Antônio Diogo, localizada no município de Redenção-CE.

É uma pesquisa qualitativa, com coleta de dado através de questionários, e dias em observações dentro da escola, com o objetivo de compreender os fenômenos do recreio livre dentro da escola pesquisada.

A pesquisa foi realizada na escola de Ensino Infantil e Fundamental, localizada na região da zona rural, no Distrito de Antônio Diogo, no município de Redenção. A escola atende 354 alunos da educação infantil e do ensino infantil e fundamental I e II. Foram feitas observações sistematizadas sobre o tempo do recreio das crianças de educação infantil e do primeiro ano do ensino fundamental e de questionários aplicados aos professores e alunos.

No decorrer da atividade prática da pesquisa busquei observar o tempo cronológico destinado à atividade do recreio, a qualidade das brincadeiras, o comportamento dos alunos (as) e das professoras. Escutei todas as crianças de perto, o que comentavam sobre o tempo, onde escutei das professoras, por muitas vezes reclamar do tempo que é muito pouco e que quase não dá tempo de lanchar direito e nem mesmo falar com as colegas de trabalho.

O interesse em pesquisar sobre esse tema surgiu a partir das atividades realizadas na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil no município de Redenção – CE. Nas escolas de educação infantil do município realizamos atividades de observação supervisionada, dentro e fora da sala de aula, e o que me instigou a pesquisar sobre o tempo destinado ao recreio dentro da escola de ensino infantil e do fundamental. Nas observações perguntava-me porque as crianças não saíam da sala de aula para ter o recreio como os demais alunos.

Também partiu de um interesse pessoal ao observar o processo de transição, pelo qual passou meu filho, da educação infantil para o ensino fundamental. Observei por parte dele um grande estranhamento nesta transição ao se deparar com uma escola onde o brincar não fazia parte das atividades diárias no recreio. O brinquedo para ele era acessível

na educação infantil, onde ele estudou em uma creche, mas na hora do intervalo não podia sair para o parque e as brincadeiras aconteciam dentro da sala de aula. Quando ele chegou ao ensino fundamental já havia o tempo e o espaço livre para brincar, restrito aos quinze minutos de recreio, mas o brinquedo não fazia parte de sua rotina diária assim como fazia na educação infantil, na hora do recreio.

É comum nas escolas do município de Redenção, que atendem concomitantemente a educação infantil e o ensino fundamental, organizarem o recreio separado por faixa etária, assim como o tempo de 15 minutos para o recreio. Normalmente as crianças da educação infantil ficam, durante o horário, dentro da sala de aula com base na justificativa de que poderão se machucar no contato com as crianças maiores. Já à criança do primeiro ano é ofertada um recreio cujo espaço não está pensado para um brincar atento e sob os cuidados do adulto. Neste momento, as crianças correm de forma desordenada sem um acompanhamento de um adulto que ofereça opções diversas de entretenimento, não no sentido de o recreio ser dirigido, mas na oferta de diferentes espaços, como um parquinho, brincadeiras que possam escolher com suas próprias regras.

Para preencher o tempo do recreio, nas salas de educação infantil são disponibilizados alguns brinquedos. Já no primeiro ano do ensino fundamental não há uma preocupação em ofertar brinquedos e brincadeiras livres para as crianças. Portanto, o tempo do brincar limita-se tanto na educação infantil, ao fazer com que as crianças passem a maior parte do tempo em sala de aula, bem como no primeiro ano do ensino fundamental, onde o tempo de brincar limita-se a quinze minutos, entre o lanche e as atividades do brincar livremente.

Segundo Kishimoto e Santos (2016), o tempo lúdico deve ser um tempo livre, para que as crianças possam usar esse tempo como elas quiserem, para construir relações interpessoais, novas amizades, aprendendo assim umas com as outras. Vejamos:

Altamente competitiva, a sociedade contemporânea demarca-se pela crescente institucionalização da criança e por uma aparente escassez de tempo livre propício às brincadeiras espontâneas. Ora, se a ação lúdica infantil se revela como um valor educativo inestimável na aprendizagem e desenvolvimento da criança, revela-se também como seu expoente máximo nas vivências do tempo livre, pelo seu caráter intrínseco, rico e complexo na vida cotidiana dessas. Assim, torna-se necessário preservar o tempo livre como um tempo de lazer, para que a criança possa disponibilizá-lo e ocupá-lo, de acordo com os seus interesses. (KISHIMOTO; SANTOS, 2016, p. 151)

É sabido que a criança aprende de diversas formas e uma delas é brincando, como observei ao assistir o documentário¹ que assistir na disciplina de Educação Infantil do curso, onde existia o espaço de fora para as crianças apreenderem a partir do que elas construía: um instrumento musical, um brinquedo com materiais reciclados, já mostrando a importância da reciclagem, bem como a importância de preservar a natureza. Existe um leque de brincadeiras e diversidades de formas para levar a criança a uma viagem em sua imaginação, assim como deve existir um tempo livre para que as crianças possam usar sua imaginação como elas bem quiserem, que podemos definir como autonomia, conforme aponta o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

A capacidade de realizar escolhas amplia-se conforme o desenvolvimento dos recursos individuais e mediante a prática de tomada de decisões. Isso vale tanto para os materiais a serem usados como para as atividades a serem realizadas. Podem-se criar situações em que as crianças fazem suas escolhas entre várias opções, em locais distintos ou no mesmo espaço. Esta pode representar uma ótima oportunidade de integração entre crianças de diferentes idades. (BRASIL, 1998, p. 39)

Deixando a criança livre para realizar toda e qualquer situação, ela será capaz de produzir seu próprio conhecimento e aprender a se auto defender, criando um laço de pura autonomia e de autodomínio, usando suas múltiplas inteligências para criar e recriar, dominar e construir o seu espaço de brincar.

Conforme prevê as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, na modalidade Educação Infantil:

As práticas pedagógicas devem ocorrer de modo a não fragmentar a criança nas suas possibilidades de viver experiências, na sua compreensão do mundo feita pela totalidade de seus sentidos, no conhecimento que constrói na relação intrínseca entre razão e emoção, expressão corporal e verbal, experimentação prática e elaboração conceitual (...) práticas que respeitam e atendem ao direito da criança de apropriar-se, por meio de experiências corporais (...) de relação com o próprio corpo e consigo mesma, mediada pelas professoras e professores, que intencionalmente planejam e cuidam da organização dessas práticas. (BRASIL, 2009, p. 88-89)

Vejamos o que Kishimoto e Santos nos falam que para entender o brincar é preciso:

¹ Caramba, carambola: O brincar tá na escola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oJSKrU-CKys>.

Reconhecer a brincadeira como atividade insubstituível no desenvolvimento da criança, sem, contudo, lhe atribuir finalidades pedagógicas, constituir o objetivo paradigmático do lazer. Apesar da valorização da ação lúdica infantil como recurso de intervenção em contextos educativos, também em contextos de educação informal acresce o seu valor educativo considerado não apenas como um recurso ou utensílio pedagógico, mas como um objetivo educativo no âmbito informal. (KISHIMOTO; SANTOS, 2016, p. 158)

É dessa forma que as crianças aprendem, desenvolvendo o seu lado lúdico, criando e recriando diversas formas de brincar e aprender. É algo belo, complexo e fácil ao mesmo tempo, mais elas aprendem do jeito delas. Os bebês conhecem o mundo através do adulto, e a criança dentro da escola aprende com o professor, ele é um dos seus pilares para o processo de aprendizagem e de visão de mundo, dentro da escola. Ficando com o outro pilar os pais, que também fazem parte desse processo de aprendizagem, de brincar com a criança.

Com esse tempo livre oportunizamos à criança a aprender brincando: aprendem umas com as outras, brincando com crianças de outras idades, tendo uma visão e um pensamento de que elas também irão crescer, não ficaram presas em um corpo pequeno por estarem brincando somente com crianças da mesma idade. E quem tem irmãos maiores em casa? Como eles brincam? Ou não brincam? E com o irmão menor, a mãe não permite que o maior brinque com o menor? Acredito que isso se torna uma confusão na cabeça de uma criança, levando-a se perguntar porque pode brincar com os irmãos mais velhos, mas não pode brincar com seus amigos maiores na escola. São questionamentos que levanto neste trabalho de conclusão de curso.

O que a escola pesquisada propõe como exercício da infância, a partir do recreio, para as crianças da educação infantil e do primeiro ano do ensino fundamental? O tempo das atividades lúdicas é priorizado na educação infantil? E no primeiro ano do ensino fundamental? Como está organizado o tempo do brincar, no momento do recreio, nas duas modalidades de ensino?

Esses questionamentos serão analisados à luz dos estudos dos autores: Carmem Craidy e Gládis E. Kaercher, em seus estudos “Educação Infantil: Pra que te quero?” (2012), que me ajudará na compreensão do entendimento das práticas do brincar, bem como quanto a organização do espaço e do tempo na hora do brincar. Também com o livro, “Jogos e Brincadeiras: tempos, espaços e diversidade”, dos autores Tizuko Morchida Kishimoto e Maria Walburga dos Santos (2016), no qual as autoras falam

diretamente sobre o brincar e sua importância para o crescimento educacional da criança na educação infantil. As “Diretrizes Curriculares da Educação Básica”, as Referências Curriculares Nacionais para Educação Infantil (1998), volume 1 e 2. Sem deixar de fora o livro Territórios da Infância: Linguagens, Tempos E Relações Para Uma Pedagogia Para As Crianças Pequenas, de Ana Lúcia Goulart de Farias e de Suely Amaral Mello (2012). O livro de Ana Lúcia Goulart de Farias e de Zeila de Brito Fabri Demartini, Patrícia Dias Prado, “Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças” (2009), que buscam discutir o brincar como eixo orientador das atividades pedagógicas na educação infantil. Com Ana Paula Vieira de Souza em sua tese defendida em Belém do Pará, com o tema: “As culturas infantis no espaço e tempo do recreio: constituindo singularidade sobre a criança” (2009), que trata das culturas infantis no recreio atribuído e ao tempo destinado a elas. Tizuko Morchida Kishimoto (2010) em seu artigo “Importância do brincar para a criança de 0 a 5 anos e 11 meses”, que fala da importância para a criança o brincar, onde tem como sua atividade principal no decorrer do seu dia. Sem esquecer de Celiane Oliveira dos Santos em sua dissertação de mestrado que teve como tema: “As concepções das crianças, professora e coordenadora pedagógica sobre o recreio como atividade da rotina em uma escola pública de educação infantil na cidade de Fortaleza” (2015), onde ela aborda em sua pesquisa o brincar dentro da rotina pedagógica da criança, não como uma pequena parte, mas como parte dessa rotina. Sonia Kramer (2011), fala da “Infância E Criança De 6 Anos: Desafios Das Tradições Na Educação Infantil No Ensino Fundamental”, que vem tratar em seu trabalho, sobre a transição da criança da educação infantil para o ensino fundamental.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos: no primeiro trago diálogos com os autores, sobre o tempo destinado ao recreio, um pouco da organização da escola, mas que aprofundarei mais sobre essa estrutura no segundo capítulo, onde busco apresentar a forma pela qual a escola pesquisada organiza-se para estabelecer o tempo do recreio das crianças pequenas, bem como as atividades que são desenvolvidas pelas crianças e pelos adultos. O terceiro capítulo propõe analisar e problematizar sobre o depoimento das professoras, diretora e coordenadora pedagógica, sobre o que acham do recreio dentro da escola, o tempo destinado ao recreio, e o que elas acreditam ser importantes.

CAPÍTULO 1 - CULTURA DA INFÂNCIA NA ESCOLA

1.1 Recreio: lanchar ou brincar?

O meu interesse em pesquisar sobre o recreio partiu da experiência vivida com o meu filho que ingressou na escola aos três anos de idade e, ao completar seis anos foi para o ensino fundamental. Nesta mudança ele se deparou com muitas diferenças em relação à educação infantil: a escola era maior que a antiga escola e ele estava extasiado porque estudaria na mesma escola que os primos estudam. Até esse ponto para ele estava muito bom. Ao voltar da escola logo após o primeiro dia de aula ele já chegou em casa e me disse que não iria mais para a escola nova, queria voltar para escola dele. Então lhe perguntei qual o motivo, onde ele logo me respondeu dizendo que na escola nova não tem brinquedos dentro da escola, onde é tudo fechado, até os portões, e ele não queria ficar preso ali. No dia seguinte ele chegou em casa reclamando dizendo que estava com fome, e em seguida perguntei a ele qual o motivo de estar com fome e ele me respondeu que não havia lanchado porque a *tia*² da merenda falou que já tinha acabado o lanche. No dia seguinte fui à escola saber o motivo verdadeiro, e descobri que ele não lanchou porque estava brincando e quando o sino bateu ele veio pegar o lanche. Seguindo, eu perguntei para ele o porquê de não ter vindo logo lanchar, ele me respondeu dizendo que o tempo era pouco, e não dava tempo de lanchar e brincar.

Então, foi nesse sentido que surgiu o interesse em pesquisar sobre o recreio, o tempo destinado ao recreio. O que fazer em tão pouco tempo? Lanchar? Brincar? Porque o tempo é tão pouco? É o que pretendo descrever no decorrer do presente trabalho, a luz dos autores discorrido a partir dos tópicos que seguem.

1.2 Localização da escola

A escola Antônio Barbosa atende 354 alunos divididos entre a Estação do Brincar até o 9º ano. A Estação do Brincar é um projeto criado no ano de 2009, com o principal objetivo de ajudar na ludicidade das crianças com jogos e brincadeiras, para o

² Nas escolas do município existe essa cultura de chamar a professora de tia, assim como as meninas da limpeza e da cantina. Paulo Freire (1997) diz que o termo tia indica um grau de parentesco, mas ao professor é exigido um grau de formação.

atendimento de crianças de 2 a 6 anos da educação infantil do Distrito de Antônio Diogo. Na atual gestão o projeto foi mudado, hoje ele está limitado somente em uma sala de aula com crianças de apenas 2 anos, mas com o mesmo objetivo do projeto desenvolvido em 2009. A escola está localizada na zona rural, em uma comunidade mais afastada do centro do Distrito de Antônio Diogo. Próximo à escola tem uma pracinha onde havia brinquedos para as crianças irem brincar na hora do recreio, mas a algum tempo, por motivo de vandalismo de pessoas que moram na localidade, o parquinho, como é conhecido na comunidade, está desativado por falta de brinquedos.



Figura 1: imagem do espaço da pracinha.
Foto: arquivo pessoal da autora



Figura 2: imagem do espaço da pracinha.
Foto: arquivo pessoal da autora



Figura 3: imagem do espaço da pracinha.
Foto: arquivo pessoal da autora



Figura 4: imagem do espaço da pracinha
Foto: arquivo pessoal da autora

Nas imagens logo abaixo, conforme apresentado na figura 5 e 6, está o pátio coberto da escola. Na figura 3, o pátio aberto. E nas demais, as imagens do parquinho e da igreja como foi dito, que está em processo de reforma, pois era um prédio antigo e foi doado pela esposa do senhor João Barbosa de Sousa, que leva o nome da escola pesquisada. Nesse espaço da pracinha, seria um bom lugar para o brincar, sendo reformado ou não, pois é um espaço aberto, livre, e a criança teria um contato direto com a natureza.



Figura 5: imagem do pátio coberto da escola.
Foto: arquivo pessoal da autora.



Figura 6: imagem do pátio coberto da escola.
Foto: arquivo pessoal da autora.

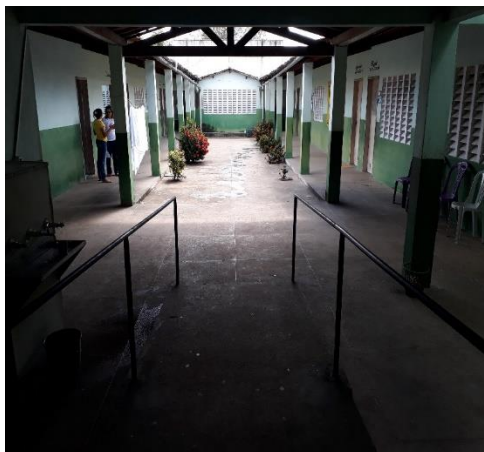


Figura 7: imagem do pátio descoberto da escola.
Foto: arquivo pessoal da autora.

Logo atrás da praça tem uma capela da comunidade, como está nas imagens logo abaixo, que está sendo construída e que vez ou outra também é motivo de vandalismo, pois ainda se encontra em processo de construção, ela ainda está sem portas. Atualmente, o único acesso para chegarem na escola, de todos os alunos que fazem parte da escola, assim como alguns professores que são de outras comunidades vizinhas, é o ônibus escolar, ou a van escolar, ou o transporte próprio do professor ou dos pais que trazem seus filhos até a escola.



Figura 8: imagem do espaço: a pracinha e a igreja.
Foto: arquivo pessoal da autora



Figura 9: imagem do espaço da pracinha e da igreja.
Foto: arquivo pessoal da autora

Pela manhã funciona na escola o infantil II, III, IV, V, 1º ano, 2º ano, 4º ano e o 5º ano, no período da tarde uma turma do 5º ano, o 6º ano, 7º ano, o 8º ano e o 9º, e no turno da noite a EJA.



Figura 10: Sala de aula do projeto *Mais Educação*.
Foto: Arquivo pessoal da autora.



Figura 11: Sala de aula do projeto *Mais Educação*.
Foto: Arquivo pessoal da autora.



Figura 12: Sala de aula do infantil IV e da EJA.
Foto: Arquivo pessoal da autora.



Figura 13: Sala de aula do infantil IV e da EJA.
Foto: Arquivo pessoal da autora.



Figura 14: Sala de aula do 3º e do 4º ano.
Foto: Arquivo pessoal da autora.



Figura 15: Sala de aula do infantil III e do 5º ano tarde.
Foto: Arquivo pessoal da autora.



Figura 16: Sala de aula do infantil III e do 5º ano tarde.
Foto: Arquivo pessoal da autora.



Figura 17: Sala de aula do 5º ano manhã e do 8º ano tarde.
Foto: Arquivo pessoal da autora.



Figura 18: Sala de aula do 5º ano manhã e do 8º ano tarde.
Foto: Arquivo pessoal da autora.

Nas figuras 10 e 11, tem apenas esses brinquedos dentro da escola, mas na sala onde fica as crianças de 2 anos, e na hora do intervalo, eles são, às vezes, colocados fora da sala para as outras crianças brincarem.

Nas imagens acima, mais especificamente nas imagens 17 e 18, é a sala que funciona o 5º ano da manhã e o 8º da tarde, tem o mesmo padrão das demais salas de aula que tem dentro da escola.

Observando os diferentes espaços no entorno da comunidade escolar, e a situação de vulnerabilidade social, é que pude constatar que muitas vezes o brincar está restrito ao espaço da casa ou da escola. Neste caso, vou me ater à análise do tempo destinado ao brincar no espaço escolar, baseando-me nas pesquisas já desenvolvidas.

1.3 Dialogando sobre o brincar

Os vários sentidos do brincar para as crianças são recheados de sabor, doçura, felicidade e muita diversão, mas pouco ou quase nada elas sabem que estão aprendendo, que estão em um processo de aprendizagem fora do currículo, como manda, cheio de muita leitura e escrita. Muitos adultos enxergam esse processo do brincar como um desperdício de tempo, como um espaço onde as crianças não podem cair, correr, etc. Elas saem da sala de aula, mas não podem correr, não podem brincar como elas querem.

O brincar não é somente uma forma de diversão, é um grande momento para toda criança, elas aprendem desde cedo brincando com ela mesma e com o adulto, isso quando bebê, quando ela vai crescendo ela passa a brincar, não somente com o adulto que era seu principal brinquedo, como também com suas mãos, seus pés e consegue até mesmo pegar objetos de fácil manuseio em suas mãos. Com o passar do tempo, quando a criança atinge a idade de ir para a creche/escola, ela vai se tornando mais independente, brinca sozinha, pega seu brinquedo sozinha, anda sozinha e interage com outras crianças. É a partir desse momento que começa suas relações sociais, fora do ambiente de casa.

Cada criança tem sua própria identidade, como fala Sarmiento (s/d), o adulto está sempre pautando a criança, pois pela sua imaturidade quem responde por elas são sempre os adultos, mas muitas vezes esquecemos que elas precisam ser escutadas, expressadas, e precisam mostrar sua identidade, como criança.

Entre a criança desejada, que se quer livre, amada, espontânea, sonhadora e depositária do futuro e da esperança rejeitada, abandonada ou enviada para as instituições de custódia, perturbadora do cotidiano dos adultos, comprada e seduzida, mas, ao mesmo tempo, temida na turbulência que leva à escola ou à família; entre a criança romântica e a

criança em crise social; entre a criança protegida e a criança violentada; entre a criança vítima e a criança vitimadora; entre as crianças de Birmingham e as crianças de Liverpool; entre uns e os outros, afina, há um universo inteiro de diferenças, sem que, todavia, não se dissipe nessa diferença uma marca distintiva essencial: é sempre de criança que estamos a falar e é irredutível ao mundo dos adultos a sua identidade. (SARMENTO, s/d, p. 11)

No final é sempre da criança que estamos falando, do seu modo de ser, pois, nada além de ser criança ela sabe fazer ou ser. Cada uma tem sua própria identidade, mas por não tomarem suas próprias decisões, por ainda não formarem opiniões com validade, para o adulto, elas ainda são crianças e não podem ficar sozinhas.

Gisela Wajskop (1995), fala também no sentido da diferença entre o adulto e a criança, já que o adulto vive em uma realidade em que precisa ter muitas responsabilidades, a criança, apenas precisa viver nessa realidade, mas não precisa suportar o peso que o adulto suporta.

[...] a concepção de educação da criança que a vincula a uma determinada forma de brincar tem origem nas concepções românticas de homem e educação, tendo contribuição também a crescente distinção entre criança e adulto, como categorias sociais com direitos e deveres diversos, que vem sendo construída pelos homens depois da idade média. Essa diferenciação entre criança e adulto, em nossa sociedade, é equivalente àquela estabelecida entre brincar e trabalhar. Pelo menos teoricamente. (WAJSKOP, 1995, p. 63)

A autora fala que na sociedade onde hoje, muito moderna, é construído uma diferenciação do mundo do adulto para o mundo da criança. Como ela mesmo diz, teoricamente.

O brincar, numa perspectiva sociocultural, define-se por uma maneira que as crianças têm para interpretar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas. Por causa disso, transformou-se no espaço característicos da infância para experimentar o mundo do adulto, sem adentrá-lo como partícipe responsável. (WAJSKOP, 1995, p. 66)

Desde bem cedo a criança brinca, e o seu modelo de brinquedo é o adulto, que em uma conversa, em uma canção no toque da mão em um sorriso, em olhar nos olhos e fazer caretas, isso é brincar para o bebê. Mas Gisela Wajskop (1995), diz que por meio do adulto as crianças submergem no mundo do adulto, sem participar desse mundo diretamente, e isso mesmo que não sendo materializado pelo brinquedo propriamente dito, ela vai adentrando no mundo da ludicidade por meio do adulto.

Kishimoto (2010), fala no sentido em que o adulto é o principal brinquedo da criança. Desde cedo ela adentra nas brincadeiras, pelo fato de ter muitas maneiras de brincar, elas começam a imitar as ações do adulto, mas pega de fato no brinquedo após os dois anos de idade, contudo ela pega nos brinquedos, mas não sabe segurar com firmeza, e sua primeira ação é levar o brinquedo até a boca, então até lá seu melhor brinquedo é o adulto, diz Kishimoto (2010):

Todo o período da educação infantil é importante para a introdução das brincadeiras. Pela diversidade de formas de conceber o brincar, alguns tendem a focalizá-lo como característico dos processos imitativos da criança, dando maior destaque apenas ao período posterior aos dois anos de idade. O período anterior é visto como preparatório para o aparecimento do lúdico. No entanto, temos clareza de que a opção pelo brincar desde o início da educação infantil é o que garante a cidadania da criança e ações pedagógicas de maior qualidade. (KISHIMOTO, 2010, p. 01)

O brincar acontece de diversas formas para criança, ela brinca com tudo ao seu redor, faz de tudo em torno de um brinquedo, até mesmo seus próprios colegas nas brincadeiras em grupos na sala de aula, elas passam a imitar o mundo, interpretam aquilo que ver junto aos seus familiares, dentro da escola, onde ela interpreta que, um colega é uma casa, outro é a cadeira da casa, outro é a mesa da casa, vejamos como fala Kishimoto (2010) sobre essa imitação.

As primeiras imitações das crianças surgem apenas como repetição de ações que elas observam. Posteriormente, a imaginação ganha espaço e as crianças assumem personagens durante a brincadeira. Bonecas e acessórios, como berço, carrinho, caminhões de diferentes tipos (cegonha, caçamba, bombeiro), posto de gasolina, fantoches, bichinhos e kit médico ampliam o repertório das brincadeiras. Em torno de 3 a 4 anos, a criança atinge o auge do desenvolvimento simbólico. Nesse período, a criança utiliza “guias” ou roteiros que possibilitam desenvolver o tema da brincadeira. Na brincadeira coletiva, em que se partilha o tema de ser o motorista, há um roteiro combinado pelas crianças: uma dirige o caminhão-cegonha que transporta vários carrinhos; outra, o caminhão-caçamba que transporta entulhos, e uma terceira, o carro de bombeiro. Mesmo na categoria de motorista, cada uma tem um tipo diferente de trabalho, que auxilia a expressão da situação imaginária, e todas se encontram no posto de gasolina para colocar combustível. A brincadeira de ser motorista, com várias personagens e um roteiro partilhado, enriquece a experiência dramática da criança. A linguagem verbal se amplia nas brincadeiras imaginárias, na companhia de outras crianças e, principalmente, com a participação da professora. (KISHIMOTO, 2010, p. 5)

A capacidade de imaginação da criança é surpreendente, quando ela torna tudo ao seu redor uma diversão, e não somente o brinquedo na mão, mas o uso do falar, a

linguagem verbal, como fala Kishimoto (2010). O brincar não se limita somente ao físico, mas ao imaginário, a ludicidade nasce a partir daí.

1.4 A cultura lúdica no recreio

O recreio é um dos poucos momentos em que as crianças estão livres, onde se encontram, aprendem e produzem a sua cultura lúdica. A partir das contribuições de Benjamin, Bakthin e Vygostky, Sônia Kramer concebem as crianças:

Como produtoras de cultura, constituídas a partir de sua classe social, etnia, gênero e com diferenças físicas, psicológicas e culturais. Elas brincam, aprendem, criam, sentem, crescem e se modificam ao longo do processo histórico que dá corpo à vida humana, dão sentido ao mundo, produzem história e superam sua condição natural por meio da linguagem. Seu desenvolvimento cultural implica construir a história pessoal no âmbito da história social. Quando interagem, aprendem, formam-se e transformam; como sujeitos ativos, participam e intervêm na realidade; suas ações são maneiras de reelaborar e recriar o mundo. Aos adultos, cabe a função de mediação, iniciação, colaboração. O papel do outro é fundamental na constituição do eu e no desenvolvimento e nas aprendizagens que fazem ao longo da vida. Esses processos constroem realidades individuais e históricas. Desde bem pequenas, criam e imaginam, expressam desejos e emoções. Crianças da mesma faixa etária sofrem ações da estrutura social em que estão inseridas e, nas interações com seus pares e com os adultos, recriam as culturas em que estão imersas. (Kramer et. al., 2011, p. 71)

Rogério Würdig (2010) também discute, em sua tese de doutorado, a cultura lúdica do ponto de vista das crianças, a partir dos sentidos do brincar no momento do recreio. Como um os raros momentos em que as crianças estão livres, é o momento mais aguardado pelas crianças, também motivo de tristeza quando cancelado. Segundo o pesquisador, os adultos não manifestam muito interesse por esse momento lúdico, mantendo-se distantes, em outro espaço que não seja aquele, como o momento de descanso, longe da gritaria das crianças. Sendo assim, conhecem pouco sobre o que acontece no recreio, principalmente, sobre como as crianças se organizam e como agem neste curto espaço de tempo.

Na sua pesquisa, Rogério Würdig (2010), fala de uma ocasião em que ele estava no momento do recreio observando o brincar das crianças e percebeu que ele não fazia parte daquele momento, onde o papel e a caneta que estavam em suas mãos, não deixava com que ele fizesse parte do recreio, sendo olhado pelas crianças de uma outra forma, como elas veem a professora, sendo que ele estava lá para observar e fazer parte do

universo do brincar com todas as crianças, ele quis de fato se tornar próximo às crianças para as observar de perto. Vejamos como tudo se deu.

Nos primeiros recreios em que procurava seguir os rastros das crianças, senti-me muito estranho ao ficar parado, em pé ou sentado, com um caderno na mão escrevendo coisas. Percebi, então, que praça e pátio não combinam com caderno, lápis e escrita. Estes são espaços de brincar, de falar, de pular, de correr alguns perigos, de inventar, de aprontar, de fazer de conta, de se empurrar, de compartilhar, de esperar para andar nos brinquedos e de muito mais. São também lugares de convivência entre as crianças com maneiras e regras definidas por elas. Nenhum adulto fica dizendo quando e por onde devem iniciar as brincadeiras, nem como e com quem devem brincar ou conversar. Elas estão num tempo e num espaço dos seus grupos. São as ideias, jeitos e formas de ser criança no mundo. (WÜRDIG, 2010, p. 91)

Foi necessário que ele estivesse naquele lugar sem ser visto como um professor pela criança, para que elas não se sentissem dentro da sala de aula no recreio, onde o papel, a caneta e o lápis está atrelado a sala de aula. Isso fez com que ele fosse olhado pelas crianças como quem faz parte do recreio, não como quem está lá para observá-los ou para os privar de suas brincadeiras livre.

Nas falas, nos gestos e movimentos das crianças participantes da pesquisa, ficou escancarado que brincar era a coisa mais importante do recreio. É claro que, no recreio, aconteciam outras coisas, mas brincar era o momento preferido. Geralmente estava associado às brincadeiras possíveis de serem realizadas com os parceiros/as nos espaços e no tempo definido pela escola, mas transformados e redimensionados pelas crianças. Na situação estudada, brincar envolvia a escolha de brincadeiras e de parceiros (as) e vice-versa, exploração e ocupação do espaço, estabelecimento de regras e acordos, acertos e confusões, vontade, laços de amizade e muita imaginação! (WÜRDIG, 2010, p. 91-92)

O espaço do brincar é diverso, é de pura construção, seja social ou intelectual, é um momento de escolhas entre os pares e/ou brincadeiras. Na modernidade, existe outros meios de diversão em que muitas crianças estão inseridas, deixando de brincar com os colegas para fixar o olhar e se paralisar com os meios tecnológicos, assim fala Ana Paula Souza (2009).

A criança de hoje é resguardada do convívio social entre crianças, pois outras práticas como jogos eletrônicos, o computador, a televisão são incorporadas cotidianamente, implicando no brincar sozinha, já que os pais modernos não disponibilizam muito tempo para a convivência com os filhos. Às vezes, alguns pais tentam amenizar sua ausência com presentes. É, nesse contexto, que a criança se envolve com o mundo da mídia, da publicidade, que produz a cultura infantil do consumo. (SOUZA, 2009, p. 50)

No mundo em que vivemos hoje, é muito fácil ter acesso a internet, e na internet, ainda mais fácil acessar esse novo mundo, o mundo digital, o mundo em que a cada dia os pais inserem os filhos, como meio de consolo amenizando sua ausência, como defende Souza (2009). Deixam o essencial, que é a presença, de lado, e tentam suprir com os meios tecnológicos e acabam deixando os filhos escravos da era digital. Crianças que não sabem mais o que é ter um brinquedo produzido com suas próprias mãos, crianças com brinquedos em casa, mas não tem tempo para brincar, pois já estão escravos da era digital.

A criança precisa ter contato com a realidade, ficar refém do mundo digital, vai fazendo com que pouco a pouco ela perca a noção do mundo real, e Santos, em sua dissertação, defende que:

Nas brincadeiras funcionais ocorrem movimentos simples, de pernas, braços, produção de ruídos ou sons. As atividades parecem buscar algum efeito, são elementares. Nas brincadeiras de ficção, faz de conta, o exemplo típico é brincar de boneca, carro, montar num cabo de vassoura como se fosse um cavalo. Apontam para um tipo de brincadeira na qual intervém uma atividade cuja interpretação pela criança é bem mais complexa e aproxima-se de certas propostas de definição do brincar mais bem diferenciadas. Nos jogos de aquisição, a criança esforça-se para perceber e compreender as coisas, seres, cenas, imagens, relatos parecem apreender toda a sua atenção. Nos jogos de fabricação, a criança encontra prazer em reunir, combinar objetos entre si, modificar, transformar e criar novos objetos. (SANTOS, 2015, p. 40-41)

E como fazer tudo isso se ela não estiver em contato com o mundo real? Como a criança vai se desenvolver se ela não estiver em contato com o brincar? Ela certamente aprenderá tudo lentamente, pois o contato direto com a realidade, o contato direto com o brinquedo na mão, isso ela não terá. Nesses jogos, como jogar, como montar, como inventar, faz parte do ser criança, e se ela não estiver em contato com o brincar, digo brincar, brincar livremente, imaginar que o brinquedo é aquilo que ela quer que seja, seu desenvolvimento cognitivo e sua inserção no meio social será muito difícil.

CAPÍTULO 2 - O TEMPO DO RECREIO

2.1 – A rotina da escola

O recreio é um espaço livre, onde todas as crianças esperam ansiosas por esse momento. É no recreio que elas recriam e criam suas próprias brincadeiras, é um momento de crescimento cultural e de valorização das diferenças, é nesse momento que usam a imaginação livre que elas têm, e criam um mundo novo em poucos minutos, o mundo da diversão. Würdig (2010) em seu artigo, deixa bem claro algo que ele percebeu no decorrer de sua pesquisa, para sua tese.

O recreio é um dos raros momentos em que as crianças estão livres, onde se encontram, aprendem e produzem a sua cultura lúdica. E por isso é tão aguardado pelas crianças e, motivo de tristeza, quando cancelado. No entanto, os adultos não apresentam muito interesse, ficando distantes, num outro espaço, conhecendo pouco sobre o recreio, principalmente, sobre como as crianças se organizam e como agem neste curto espaço de tempo. (WÜRDIG, 2010, p. 90)

Nesse período em que as crianças estão reunidas, sejam em grupos separados, ou todos juntos, o adulto para elas é como se fossem um general, onde privam elas de usarem o tempo livre para brincarem como elas querem. É nesse momento que elas se reúnem em seus grupos, seja de meninas ou meninos, partindo daí elas começam a criar suas brincadeiras usando suas próprias regras, brincando com seus grupos. Como foi observado na escola pesquisada, vejamos como mostra a imagem abaixo.



Figura 19. Alunos no recreio dirigido.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 20. Alunos no recreio.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nessas imagens observamos como fala Würdig (2010), que o adulto, na imagem 19, passa e os alunos ficam olhando, esperando que ele venha reprimir. O grupo de meninas, nessa imagem, estão reunidas de mãos dadas, já preparando suas brincadeiras. Na imagem 20, observa-se que bem à frente está o grupo das meninas, e logo mais no fundo o grupo dos meninos, alguns em duplas sentados ao chão, outros já de pé prontos para correr.

Cardoso (2011, p. 127-128) fala das culturas de pares, onde ele usa o termo *pares* para falar do grupo de crianças que convivem juntas, na maior parte do seu tempo. Ele diz que: “embora as crianças desempenhem um papel ativo na produção de rotinas culturais com adultos, elas geralmente ocupam posições subordinadas e são expostas a muito mais informações culturais do que elas podem processar e compreender.” Ele ainda fala que dentro da sala elas são subordinadas, são regidas por um superior que subestima a criança e tenta introduzi-la em um mundo de conhecimento que para elas ainda é desconhecido.

Como Cardoso (2011) fala sobre a rotina, sabe-se que rotina na vida de uma criança é fundamental, e no quesito escola, mais ainda, pois quando ela dá início a uma nova rotina na sua vida que agora é estudar, para ela tudo é estranho, ainda não tem amigos, ainda não sabe onde sentar, o que fazer, se pode sair, tudo isso é estranho para elas, onde o principal motivo para elas estarem ali naquele lugar aparentemente diferente de sua rotina passada. Então logo no início elas resistem quanto a ficar na escola e começam a chorar, ficam doentes, tudo isso como forma de resistir a uma mudança em sua rotina.

Tudo é diferente para elas, agora tem que usar o caderno, o lápis, a borracha, é estranho no início, mas com o passar do tempo tudo vira rotina. Em seguida vem a hora do lanche, em que lanchar já não é mais no sofá de casa e não se come mais aquilo que está habituado a comer todos os dias. Por último vem a melhor hora, a hora do brincar, a hora em que todas as crianças usam o que elas têm de melhor, a imaginação. Todo esse percurso é feito diariamente, pois existe regras dentro da escola, tem hora para tudo, hora de estudar, hora de merendar e hora de brincar. Seguindo um roteiro, hora de estudar, merendar, brincar, estudar e por último, casa.

Sigamos o percurso, e logo mais adiante, vejamos toda a rotina da escola pesquisada.

A escola abre os portões as 7hs da manhã para todas as crianças entrarem em suas respectivas salas de aula. Na segunda-feira todos vão até a quadra da escola para fazer o momento espiritual juntos, que tem como oração principal o pai-nosso, a oração universal. Na sequência eles descem em filas, e alguns poucos fora dela, para suas respectivas salas de aula como pede a coordenadora pedagógica.

No decorrer da semana que segue a terça-feira, quarta-feira e quinta-feira a rotina muda um pouco, ao invés de o momento espiritual ser na quadra da escola, é dentro da sala de aula. Na sexta-feira os alunos entram na escola e seguem para a quadra e, nesse dia, eles se reúnem para cantar o hino nacional, todos juntos dos menores aos maiores.

2.2 – O espaço do recreio

Na escola tem um espaço muito bem estruturado, em ótimo estado, existe uma quadra que está situada dentro da escola, ela fica entre as salas do espaço de baixo da escola, onde tem acesso a entrada e saída da escola, e onde fica também as salas dos menores. No espaço após a quadra fica as salas de aula dos maiores, que leva também a um espaço da parte de fora onde tem areia e árvores, porém o espaço fica em maior tempo fechado. Às 8hs e 50 minutos, mais ou menos esse horário, é o recreio dos menores, as crianças de 2 a 5 anos já se organizam para a espera do lanche, que chegará até eles na sala de aula, quando eles terminam o intervalo já está liberado para irem brincar.

Aqueles que não lancham na escola, mas trazem seus lanches de casa, fazem o seu lanche sentado nas cadeiras das salas de aulas ou sentados no chão do pátio, alguns poucos, mais na grande maioria todos continuam sentados nas salas de aulas lanchando e ao terminar saem para o momento do recreio. Nesse momento são disponibilizados para eles poucos brinquedos, dentre eles, bambolês, bola, um escorrega pequeno, e um cavalinho de mola, onde todos se revezam esperando sua vez de ir ao brinquedo.

Tem pouco tempo que o recreio dirigido vem sendo colocado na rotina escolar. Agora que existe o recreio dirigido, com jogos de dama, brincadeiras com o bambolê, com a bola, no vôlei no futebol, e aquelas brincadeiras de apenas correr atrás do colega e de imaginar mil coisas que eles são, é um recreio mais controlado, para os adultos é um recreio mais calmo, que não tem perigo de eles caírem, esbarrarem uns nos outros e se machucarem.

O recreio escolar precisa ser compreendido como tempo e espaço possível para a interação com o outro e a manifestação de diferentes formas culturais de agir em contexto e produzir modos de vida. Mais do que outras atividades educacionais, é no recreio que as crianças e adolescentes, mesmo que sob certos aspectos agem de forma vigiada, podem expressar-se de forma mais espontânea. No recreio estão em jogo acordos, conhecimentos, emoções, valores, crenças, formas de brincar. (RODRIGUES; PERUZZO; FRANZ, 2015, p. 41266)

É no recreio que mesmo sendo vigiados, mas livres, eles aprendem, conhecem, interagem, adquirem novos conhecimentos sobre as mais diversas culturas que existe dentro da sala de aula e dentro da escola, pois é no recreio que todos de várias idades e de lugares variados que eles conversam, conhecem um ao outro. Mesmo que seja em escolas de lugares pequenos, ainda assim, nem todos conhecem o outro, pois dentro de casa, no meio familiar existe culturas, crenças, valores diferenciados.

Seguindo o recreio da escola, quando o sino bate, todos os alunos saem correndo para comer rápido e ir correndo brincar, e alguns não lancham para não perderem o recreio, e dar tempo de brincar por mais tempo. Eles fazem seu lanche de pé ou sentados no chão, ou em algumas poucas mesas disponibilizadas na quadra. Nas imagens abaixo mostra um pouco de como acontece. Crianças de todas as idades e séries juntas, apenas o infantil III, V, lancham na sala, um pouco antes do sino bater e os demais descem para lanchar. Como mostra a imagem 20 e 23. Já nas imagens 21 e 22, são momentos em que o recreio foi dirigido pelo monitor. Na figura 22, de blusa amarela, está um dos monitores.



Figura 21. Alunos no recreio dirigido.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 22. Alunos no recreio dirigido: esportes.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Figura 23. Alunos no recreio.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nessas imagens acima, também temos um pouco do que é um dos momentos do recreio dirigido, onde tem o monitor de educação física logo ao lado, na imagem 22, e alguns alunos esperando pela bola que foi jogada para o alto. Temos também logo ao lado esquerdo dos alunos, uma menina com o bambolê no pescoço, esse também é um dos brinquedos disponíveis para as crianças no momento do recreio dirigido.

Na figura 2.1 observamos um dos espaços com as mesas que são disponibilizadas para as crianças fazerem seu lanche, assim como na figura 20 temos também uma criança lanchando sentada em uma cadeira, onde o espaço é bastante limitado para lancher, e na figura 23, temos crianças lanchando nos degraus. Nessas mesmas mesas da figura 21, são disponibilizados jogos de damas, xadrez entre outros. Observemos que nessa mesma figura tem um adolescente lanchando enquanto outros estão jogando. É assim como as mesas são usadas, embora poucas, mas é dessa maneira que elas são divididas.

Antes do recreio dirigido ser colocado na rotina da escola, ao terminar o lanche as crianças saíam feito loucas atrás dos brinquedos do parque móvel, que são brinquedos que imitam os brinquedos grandes onde existe nos parques, nas praças, disponíveis para as crianças, ou até mesmo corriam lanchando, uns atrás dos outros em suas diversas brincadeiras com uma diversidade de nomes, pega-pega, entre outras. Na observação que fiz durante o período da escrita da monografia, observei que, tanto as crianças menores como as maiores têm suas próprias brincadeiras, algumas com nomes outras sem, mas todas com o mesmo propósito, a diversão, a descontração, o esquecer o espaço da sala e fazer novas amizades, a socialização entre eles.

Sarmiento (S/D, p. 14) em seu artigo que fala sobre a cultura da infância, onde ele dialoga também com Corsaro (2011), e nos diz que a cultura de pares, onde é uma cultura muito heterogênea, na qual a criança “está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social.” Esses pares possuem uma natureza diferente da natureza do adulto, existe uma singularidade e uma pluralidade dentro dessas culturas de pares. Sarmiento ainda nos diz que:

Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e as actividades sociais que desempenham, seja na escola ou na participação de tarefas familiares. Esta aprendizagem é eminentemente interactiva: antes de tudo o mais, as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comum. (SARMENTO, S/D, p. 14)

A contribuição para essas relações de pares é de um resultado muito surpreendente, pois a dinâmica de interação com o outro torna mais fácil a aprendizagem, onde pouco a pouco perdem o medo, aprendem a confiar no outro, a partilhar com o outro, tanto conhecimento, cultura até mesmo o próprio brinquedo.

2.3 - O brincar no recreio: do que as crianças brincam!

O brincar para toda criança é um momento de novas descobertas como também, no recreio é um grande momento de muitas descobertas e novos conhecimentos. É um lugar onde a interação com outras crianças, a invenção de novas brincadeiras, a socialização é visível e importante para o seu crescimento. Kishimoto (2010) em seu artigo, “Brinquedos e brincadeiras na educação infantil”, diz o seguinte:

A criança, mesmo pequena, sabe muitas coisas: toma decisões, escolhe o que quer fazer, interage com pessoas, expressa o que sabe fazer e mostra, em seus gestos, em um olhar, uma palavra, como é capaz de compreender o mundo. Entre as coisas de que a criança gosta está o brincar, que é um dos seus direitos. O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário. (KISHIMOTO, 2010, p. 01)

O brincar é livre, como fala Kishimoto em seu artigo, é dessa maneira que as crianças manifestam as suas habilidades, que não são poucas, é onde elas se tornam livres, e a imaginação delas corre solta em um salto gigantesco que para muitos é algo fora do normal, e aquilo que é diferente aos padrões da normalidade é tido como anormal, o brincar solto, o correr, o inventar e reinventar as brincadeiras. E esse brincar livre para a escola que não tem conhecimento sobre a importância do brincar livre, considera uma criança que corre e brinca como quer, louco, é uma loucura correr descontroladamente. Mas, mal sabem eles que é dessa forma que as crianças aprendem, inventam, dialogam, se conhecem, trocam culturas e conhecimentos.

É por meio da imaginação que as crianças crescem em suas aptidões e é um momento de liberdade, onde elas não são obrigadas a mostrar resultados do que se sabe ou não sabe. É a hora do salto livre, é nessa hora que elas aprendem com a liberdade delas de imaginar, criar e interagir, como usar o brinquedo.

O brinquedo, no brincar dirigido na escola, é fitado em um único motivo, o motivo pelo qual aquele brinquedo é destinado ao brincar. É um momento frustrante para a criança, onde ela pega uma boneca e não poderá brincar imaginando que ela é um avião, é pegar um bambolê e não fazer dele uma nave alienígena, ou seja, a boneca é para ser brincada, sentada e sempre deixar ela limpa, penteada e bem arrumada. Já com o bambolê,

é pega-lo e simplesmente rodar na cintura, no pé, na mão, no pescoço. Isso não é reconhecido como um brincar livre, mesmo tendo jogos e brinquedos, ao alcance das crianças, o brincar livre é, como fala Würdig (2010) em seu artigo sobre o brincar usando a imaginação, vejamos como uma criança fantasiou a princesa.

A princesa de hoje espera que a rainha durma para ir se divertir nas festas do reino. Se antes a princesa sofria nas mãos da bruxa até ser libertada pelo príncipe encantado, hoje ela enfrenta, sozinha um grupo de seqüestradoras. A cena de enfrentamento entre a princesa e as seqüestradoras é bastante dramatizada, com direito a fortes emoções. Durante o faz-de-conta, é permitido puxar, arrastar e bater muito na princesa. Neste conto de fadas, o mais emocionante é a briga e a vitória da princesa e não o beijo desta com o príncipe. Ao assumirem o papel de seqüestradoras ou de uma princesa que enfrenta o perigo, elas procuram romper no contexto da brincadeira, com o estereótipo da menina frágil e indefesa. Uma típica brincadeira de menina pode, dependendo das circunstâncias, ser tanto ou mais agressiva que uma brincadeira de luta dos meninos. (WÜRDIG, 2010, p. 96)

Da forma que a menina fantasiou a princesa para os adultos, é loucura uma menina imaginar uma princesa dessa forma, mas nós estamos em outra tempo, no século XXI, onde as bonecas do século passado eram o sabugo de milho, eram de pano, e as meninas fantasiavam suas vidas no futuro, que era em casar, ter filhos, como conta minha mãe, mais isso, era usar a imaginação, pois criar uma boneca a partir de um sabugo de milho, é fantástico. Na modernidade atual, as meninas já veem uma boneca como sendo algo diferente, como fala Würdig, que a menina retirou a boneca do mundo de fantasia o conto de fadas, e a colocou para viver uma aventura.

O brincar livre, mesmo com todos os jogos e brinquedos disponíveis dentro da escola na hora do recreio, não é impor as regras, não é dizer como brincar com aquele brinquedo, mas é deixar livre na mão das crianças, deixando que eles ditem as regras e observar como eles brincam sem precisar obedecer fielmente às regras de um jogo, que é algo para se divertir.

Bem sabemos que todas as regras de um jogo já vêm prescritas. Assim deixa a criança presa a somente obedecer às regras daquele jogo. Será que elas não são capazes de criarem as suas próprias regras? Será que mesmo mudando as regras, o jogo não seria jogado? Acredito que sim, seria sim jogado, pois elas não ficam presas as regras, elas criam as suas próprias regras. Isso se chama liberdade, e ela vai aprender muito mais dessa forma. Os próprios bebês têm como seu principal brinquedo o adulto, através das

conversas, do fazer eles rirem, isso é brincar e para isso não existe regras. Ao ficarem maiores, já com seis meses de vida onde já estão tocando, segurando um brinquedo de blocos de montar, por exemplo, ele vai pegar esse objeto nas mãos, não existe uma regra para isso, ele apenas pega o brinquedo na mão e logo leva para a boca. O bloco como sabe-se ele é para ser encaixado em um outro bloco, como mostra na caixa do brinquedo, mas a criança de seis meses tem conhecimento disso? É preciso que ela tenha conhecimento de que aquele bloco é para ser colocado sobre o outro? Ela vai deixar de brincar por esse motivo? Não deixará de brincar, ela criará suas próprias formas de brincar. Kishimoto fala um pouco de como brincam as crianças segundo sua imaginação.

A expressão dos movimentos pode ser feita por meio de brinquedos versáteis, como o carrinho grande, com corda para puxar, que serve para a professora passear com o bebê que não anda, dar prazer ao que fica sentado tirando e colocando as peças que ficam em seu interior e para exercitar os movimentos da criança que começa a andar e gosta de puxar carrinho. Outros brinquedos, usados à maneira de blocos de construção, podem ser empilhados por crianças menores e servir para os maiores construírem novos espaços para brincadeiras imaginárias. (KISHIMOTO, 2010, p.4)

Nas imagens a seguir, a primeira mostra, uma caixa de blocos de construção, onde na caixa vem uma única forma de brincar com o brinquedo, dando a impressão que ele só pode ser utilizado para isso. Já na segunda imagem ele é usado para fazer as casas, de um andar, de dois, três andares, árvore e um muro onde os carros passam por dentro dela, nessa imagem a criança está usando sua imaginação para brincar com brinquedo usando sua imaginação, brincar como ela quer.

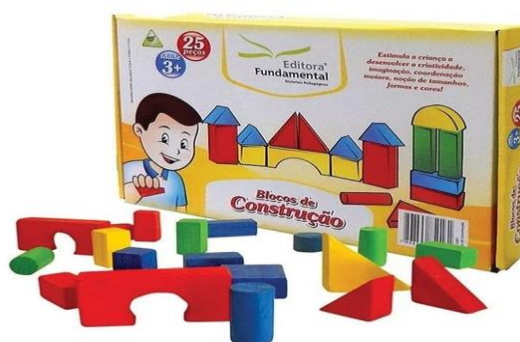


Figura 24: jogo de bloco de construção.

Fonte: internet³



Figura 25: jogo de bloco de construção.

Fonte: Internet⁴

Na escola observada, existe o recreio dirigido, onde é disponibilizado para as crianças o brinquedo, e que cada brinquedo tem sua finalidade. Como foi citado acima, as crianças nesse momento não podem pegar o brinquedo e usar a sua imaginação, elas têm que brincar com eles de acordo com sua finalidade. Muitas crianças se afobam e largam até mesmo o brinquedo e querem brincar correndo, onde muitas vezes são barrados, e tem que brincar com o brinquedo e ainda tem que ficar quietos. Isso não é deixar a criança livre como defende Kishimoto.

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010, p. 01)

³ Disponível em: <

[> Acesso em abr. 2018.](https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=613&tbm=isch&sa=1&ei=yFjNWpeDJciPwgT62LfwCQ&q=blocos+de+constru%C3%A7%C3%A3o+infantil&oq=blocos+de+constru%C3%A7%C3%A3o+&gs_l=psy-ab.3.0.012j0i30k1j0i8i30k1j0i24k116.1993.1993.0.5088.1.1.0.0.0.344.344.3-1.1.0....0...1c.1.64.psy-ab..0.1.344....0.KMHJIneq8DA#imgrc=)

⁴ Disponível em: <

[> Acesso em abr. 2018.](https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=613&tbm=isch&sa=1&ei=yFjNWpeDJciPwgT62LfwCQ&q=blocos+de+constru%C3%A7%C3%A3o+infantil&oq=blocos+de+constru%C3%A7%C3%A3o+&gs_l=psy-ab.3.0.012j0i30k1j0i8i30k1j0i24k116.1993.1993.0.5088.1.1.0.0.0.344.344.3-1.1.0....0...1c.1.64.psy-ab..0.1.344....0.KMHJIneq8DA#imgrc=)

A imaginação de cada indivíduo é o que vai leva-las a cultivar novos terrenos férteis e cheios de fantasias (a cabeça da criança), onde eles irão explorar o mundo que existe dentro delas, e fora com tudo que tem ao seu alcance. A socialização com outros colegas é para elas um ponto muito forte, pois o que para uma criança a boneca representa qualquer brinquedo, um avião, para a outra na mesma brincadeira a boneca é a heroína que irá salvar todos dentro do avião. Isso se chama exploração de uma imaginação em um terreno fértil que é a cabeça de cada criança.

Na sociedade em que vivemos hoje onde o mundo gira em torno da economia, do ter, do possuir, levam as crianças a ficarem presas a tecnologias onde privam elas de fazer uso do terreno fértil que é a imaginação delas, assim deixando esse terreno infértil, causando grandes perdas futuramente para essas crianças, tanto no cognitivo de cada uma, como na interação com os demais colegas. Vejamos o que nos diz os autores no artigo sobre “Infâncias em educação infantil.”

A infância, em suas experimentações, está associada à criação, trabalha dentro de mais de um regime de tempo, o que está dado, que lhe é dado a conhecer, linear ou circular, com um tempo mais estendido, generoso - um tempo do acontecer e da invenção. Desse modo, defender a idéia de infância como experiência é resistir ao tempo que o poder e o capital impõem ao funcionamento da vida, pois é disso que se trata: o capital gerencia a vida e utiliza estratégias de poder para submeter a todos no interior de uma lógica na qual estamos inseridos e que aboliu as fronteiras, sejam essas globais ou locais, como, por exemplo, trabalho e lazer. (ABRAMOWICZ: LEVCOVITZ: RODRIGUES, 2009, p. 180)

É dessa forma, como defendem os autores, que as crianças permanecerão se não deixarmos que elas sejam livres em suas brincadeiras. Dirigir um momento em que elas podem ficar livres é fazer com que elas se tornem viciadas em sempre se agarrar a algo ao invés de produzir algo por si só, ou seja, perdem a confiança em si, e passam a confiar nas coisas.

CAPÍTULO 3 - O QUE AS PROFESSORAS TÊM A DIZER SOBRE O RECREIO

3.1 - Ouvindo as professoras, diretora e coordenadora pedagógica

A pesquisa deu início com a observação, primeiro fui para a escola observar a rotina da escola, observar o recreio, e seguiu com a realização de um questionário com cinco questões sobre o recreio na escola pesquisada, entregue a todos os professores que fazem parte do corpo docente, assim como também a diretora e a coordenadora pedagógica. Sendo 7 professores com um “professor mais um”⁵, dentre os sete.

As perguntas foram as seguintes: “Como é a organização do recreio na escola em que você trabalha?” Sugerindo que cada uma comentasse. “Discorra um pouco sobre o que você acredita ser importante no recreio”. “E sobre as brincadeiras das crianças na hora do recreio: Qual seu ponto de vista como pedagogo sobre a importância das brincadeiras?” “Sobre o tempo do recreio: O que você diria quanto ao tempo destinado para as crianças comerem, brincarem, dentre outras necessidades? Comente”. “Qual a importância do recreio para as crianças dentro da escola?”

Essas perguntas foram entregues como forma de questionário distribuídas em 5 questões com uma quantidade de 7 linhas para cada respostas.

As perguntas foram elaboradas a partir das observações realizadas dentro da escola, pois foram questionamentos que busquei responder no capítulo anterior. Darei nomes fictícios às professoras, para não citar diretamente e para preservação da identidade.

A professora um é a Maria, que leciona no ensino fundamental I e II, em todas as disciplinas. A segunda professora é a Joana, docente de uma turma do infantil III. A professora três, a Ana, é uma professora polivalente que leciona tanto no fundamental I e II, como também na educação infantil. A quarta professora é a Bia, também polivalente, mas que atua nas salas do fundamental I e II.

⁵ Professor mais um, é o professor que substitui o professor titular na sala de aula no dia do seu planejamento, conhecido na escola pesquisada como dia do estudo.

Quanto à primeira pergunta “**Como é a organização do recreio na escola em que você trabalha?**” a professora Maria, que leciona no ensino fundamental I e II, respondeu o seguinte:

Na verdade, não temos um recreio propriamente dito. Recentemente estão sendo desenvolvidas atividades direcionadas, porém, com pouca duração de tempo. As crianças lancham em um tempo mínimo e isso acaba tirando-lhes o direito de brincar. Um espaço de 15 minutos não rende.

Assim como também a diretora:

O recreio é dirigido pelos monitores do Programa Mais Educação, que realizam atividades lúdicas seguindo um cronograma semanal.

Seguido da fala da coordenadora pedagógica:

Realizamos um recreio dirigido onde desenvolvemos atividades como: dois pontos brincadeiras, jogos didáticos, futebol, vôlei, karaokê. Cada dia uma atividade diferente.

A fala da professora Maria, demonstra um forte desejo de que o tempo seja de fato maior que 15 minutos, pois em um curto período de tempo, onde não dar tempo suficiente para comer e nem para brincar, nem para ir ao banheiro nem mesmo para dialogar com os seus colegas de outras turmas. Já na fala da diretora, ela apenas descreve de fato o momento, como ele é. A coordenadora pedagógica descreve ainda mais detalhado esse momento.

Segundo Franz *et. al.*

O recreio é a ocasião em que a criança espera ansiosa para poder se distrair, brincar e realizar diversas atividades. É também, o momento para os professores analisarem as atividades realizadas pelos alunos, suas ocupações, com quem andam, o que fazem, quais espaços ocupam e, dessa forma, refletir sobre a cultura existente neste ambiente, agregando novos saberes à sua prática pedagógica. (FRANZ; PERUZZO; RODRIGUES, 2015, p. 03-04)

É nesse sentido de organizar o recreio que a professora Maria nos fala, assim como também Würdig (2010) afirma:

Estes são espaços de brincar, de falar, de pular, de correr alguns perigos, de inventar, de “aprontar”, de fazer de conta, de se empurrar, de compartilhar, de esperar para andar nos brinquedos e de muito mais. São também lugares de convivência entre as crianças com maneiras e regras definidas por elas. Nenhum adulto fica dizendo quando e por onde devem iniciar as brincadeiras, nem como e com quem devem brincar ou conversar. Elas estão num tempo e num espaço dos seus

grupos. São as idéias, jeitos e formas de ser criança no mundo.
(WÜRDIG, 2010, p. 91)

Assim como os autores citados acima falam desse momento e de toda a importância do brincar na hora do recreio, a professora Maria pensa o mesmo, pois o recreio é esse momento de descontração, não é um momento de ouvir um não, “menino não corre, menino desce daí, menino tu vai cair”, tudo isso faz parte do ser criança, que são impedidos de ser vivenciado dentro da escola na hora do recreio como num dado momento da pesquisa que pude observar.

Já a professora Joana, docente da educação infantil, foi bem direta, limitando-se a responder: “os alunos saem as 9 e 15 e após o lanche, há uma recreação dirigida.” Joana falou sem comentar muito, em quase todas as suas respostas ao questionário, foram apenas em duas linhas.

Por se tratar de uma professora da educação infantil, esperava que ela pudesse mostrar que o tempo é bastante corrido, que mal dar para ela comer, como observei ela comendo e correndo atrás das crianças, que é necessário ter um tempo para ela poder fazer seu lanche sossegada, que pelo fato de em sua sala ter 20 crianças e ser somente ela para ensinar as 20 crianças, ela esperava que pelo menos uma pessoa pudesse lhe ajudar todos os dias e uma pessoa pudesse ficar responsável por suas crianças no momento do seu intervalo. Mas, apenas se limitou em responder em poucas linhas todas as perguntas do questionário. Porque? Por medo de perder o emprego? Por não dar importância do recreio para as crianças? Ou por já estar acostumada tão acostumada com toda a situação, de talvez já ter reclamado ou sugerido a direção uma assistência? De fato, não sei, quando recebi o seu questionário, ela estava na porta segurando uma criança que queria sair correndo, e ela já estava me falando que respondeu o questionário às pressas para poder me entregar no dia seguinte. Eu então lhe disse que não tinha tanta pressa e a sugeri que levasse novamente e respondesse com calma. Foi quando ela me disse que não responderia mais, estava bom tudo o que ela colocou e que não saberia mais o que colocar.

Ainda referente à primeira pergunta, a professoras Ana, do fundamental I e II, me respondeu o seguinte: “o recreio é monitorado, direcionado com alguns tipos de brincadeiras com os monitores do projeto *Mais Educação*. Que pena que o tempo é bem limitado, mal dar tempo as crianças merendarem.”

Percebi que o tempo de verdade é bastante corrido, muitas crianças preferem brincar do que lanche, pois se forem para a fila lanche, certamente irão perder muito tempo, com um tempo corrido de 15 minutos de intervalo.

Quanto à professora Bia, docente do fundamental I e II, afirmou o seguinte sobre a organização do recreio: “recentemente são realizadas algumas brincadeiras na hora do recreio, como: jogos, corridas, brincadeiras de roda, etc.” Quanto à resposta da professora, é preciso esclarecer que essas atividades são realizadas pelos monitores do projeto *Mais Educação*, o que faz com que o recreio seja dirigido, portanto, as crianças devem fazer apenas o que os monitores determinam, sem direito de escolher do que querem brincar e todos esses jogos e brincadeiras são com os monitores do *projeto Mais Educação*, onde limita a somente fazer uso dos jogos e de tudo que tiver naquele dado momento. Na figura 26, as crianças estão no recreio dirigido, mas brincando livremente.



Figura 26: recreio dirigido com esportes.
Foto: arquivo pessoal da autora.

Pensando sobre a organização do recreio dirigido, busco algumas explicações em William Corsaro (201, p. 127) em seu estudo sobre as culturas de pares de crianças, especificamente sobre os estudos de experiências com pares no desenvolvimento infantil. Segundo ele, trata-se de uma “visão funcionalista da cultura; isto é, a cultura é vista como consistindo de valores e normas partilhados e internalizados que orientam o comportamento. Em consonância com a noção de reprodução interpretativa, é preciso libertar-se dessa visão tradicional da cultura de pares”.

Ainda a respeito da importância das culturas de pares na reprodução interpretativa, Corsaro (2011, p. 128) coloca o foco no papel da criança e sua participação na “produção e reprodução cultural, em vez de estar na internalização privada de habilidades e

conhecimentos adultos pelas crianças”. Portanto, destaca a participação das crianças nas rotinas culturais pois, segundo ele:

Rotinas, em vez de indivíduos, são analisadas. É por meio da produção e participação coletivas nas rotinas que as crianças tornam-se membros tanto de suas culturas de pares quanto do mundo adulto onde estão situadas. A participação das crianças nas rotinas adulto-criança muitas vezes gera perturbações ou incertezas em suas vidas. Essas perturbações (incluindo confusão, ambiguidades, receios e conflitos) são um resultado natural da interação adulto-criança, tendo em conta o poder dos adultos e a imaturidade cognitiva e emocional infantil. Embora as crianças desempenhem um papel ativo na produção de rotinas culturais com adultos, elas geralmente ocupam posições subordinadas e são expostas a muito mais informações culturais do que elas podem processar e compreender. Certamente, muitas confusões, medos e incertezas são tratados à medida que surgem na interação adulto-criança. No entanto, uma suposição importante da abordagem interpretativa é que características importantes das culturas de pares surgem e são desenvolvidas em consequência das tentativas infantis de dar sentido e, em certa medida, a resistir ao mundo adulto. (CORSARO, 2011, p. 128-129)

Dentre as respostas dadas pelas professoras sobre a organização do recreio, a mais esclarecedora foi da professora Maria, afirmando que, na verdade, não existe um recreio com um tempo onde possibilite a todas as crianças lancharem e brincarem, o que de fato pude observar. Um ou outro ficam prejudicados por causa da rotina imposta pelos adultos, que determinam e restringem o tempo do recreio.

É necessário ter um tempo para a diversão, entre os pares ou individualmente, um tempo para descontrair e construir novas amizades, novos saberes, pois é nesse tempo, mesmo sendo pouco, que a criança aprende com o outro e se socializa com as culturas de pares.

Conforme afirma Souza:

O significado e sentido que a criança atribui ao recreio estão de acordo com as literaturas estudadas cuja palavra significa divertimento, prazer, coisas que recreiam lugar do recreio, proporcionando sentir prazer ou satisfação. O dicionário faz referência ao lugar ou período destinado a se recrear como um espaço e tempo nas escolas, uma vez que o recreio é um lugar de divertimento concedido às crianças. (SOUZA, 2009, p. 73)

Ainda segundo a autora, para toda criança o verdadeiro sentido do recreio:

É mágico porque é um tempo de muitas atividades; serve para descansar, para conversar, para paquerar, falar das disciplinas, e outras. É significativo em relação ao sentido de liberdade pois, não é exigido atividade direcionadas. É um momento livre para a escolha do que se quer fazer. (SOUZA, 2009, p. 74)

Como vimos na resposta da professora Maria, e em todas as outras, é que o recreio na escola em que foi realizada a pesquisa, é um recreio dirigido, não um recreio livre. De acordo com as observações realizadas, pude fazer algumas fotos em alguns poucos momentos em que as crianças não estavam participando do recreio dirigido, mas sim, brincando livremente.



Figura 27: Crianças no recreio livre
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Nessas imagens abaixo de um dos poucos momentos em que pude observar, as crianças brincavam livremente no espaço aberto bem na entrada da escola, diferente da imagem a seguir, onde nessa imagem brincavam com jogos do recreio dirigido algumas crianças e outras simplesmente ignoravam o momento dirigido e brincavam livremente na parte aberta da escola.



Figura 28: Recreio dirigido.
Foto: Arquivo pessoal da autora.

Quanto à segunda pergunta da entrevista, na qual as professoras deveriam falar **sobre o que acreditavam ser importante no recreio**, ficou perceptível as seguintes compreensões: A professora Maria respondeu que:

Acredito que um recreio deveria proporcionar momentos de interação entre as crianças; onde elas pudessem conversar livremente pelo espaço escolar. Porém, essa liberdade deve ser monitorada e apreciada pelos responsáveis.

Observemos a resposta da diretora: “Acredito que deve acontecer a interação entre os alunos de forma monitorada para manter a disciplina na escola e um clima harmônico tranquilo e prazeroso.”

Já a coordenadora pedagógica respondeu que deve haver “a interação, o diálogo, e a prática do respeito no que se refere as brincadeiras”.

Como a professora Maria fala o sentido de liberdade está muito confuso. É uma liberdade, mas não tão livre, entendeu uma liberdade monitorada no sentido de apreciar e observar o que elas fazem não as direcionar ao que fazer, como é o dever do monitor do projeto *Mais Educação*. Na fala da diretora, quando ela fala que é preciso manter a disciplina, e já na fala da coordenadora ela mostra de fato aquilo que as crianças gostam mesmo de fazer no momento do brincar, que é estar livre

A professora Joana apenas disse que “a interação com os amigos e o brincar são de fundamental importância”, nada mais além dessa resposta. No entanto, sabemos que sim, é importante, mas é importante para que? Que fundamental importância é essa? Vejamos.

O recreio é um espaço, um tempo, é um momento de socialização entre os pares sociais, expressa liberdade, permite interação com os pares. É um momento reflexivo, ativo interligado ao momento de liberdade, habilidade e prazeroso. Pode ser harmônico entre o individual e o coletivo, desenvolve aprendizagem – um momento instituído em documentos legais e pedagógicos. (SOUZA, 2009, p. 68)

O recreio é um momento de pura satisfação, onde envolve muita felicidade, diversão e muitas amizades, é um momento de compartilhar saberes e aprender novos saberes com os demais amigos, seja da mesma sala de aula, e/ou de salas e/ou de idades diferentes, mas também pode ser um momento de puro individualismo e não socialização, um momento que é para diversão pode se tornar um momento de puro terror, no sentido

de não ter amigadas e não ter com quem brincar, com uma dificuldade enorme de socialização. Cardoso (2011) fala de um dado momento muito importante para a criança, que é a amizade e/ou também a difícil interação entre os pares, ele diz que:

O conhecimento em desenvolvimento da criança sobre a amizade está muito proximamente ligado às demandas sociais e contextuais de seus mundos de pares. As crianças constroem conceitos de amizade, enquanto, ao mesmo tempo, vinculam esses conceitos às características organizacionais específicas da cultura de pares na pré-escola e em outros ambientes de pares. Por meio de sua experiência na pré-escola as crianças acabam percebendo que a interação com os colegas é difícil. Portanto, em vez de limitar seus contatos sociais a um ou dois colegas, as crianças frequentemente desenvolvem relações estáveis com vários deles, como uma forma de maximizar a probabilidade de ingresso bem-sucedido e a interação satisfatória com as demais. (CARDOSO, 2011, p. 164)

Cardoso (2011) fala claramente desse processo de difícil acesso para uns e de fácil para outros, mas as relações que elas constroem não são duradouras são apenas momentos que tornam aquele dado momento de puro prazer.

De acordo com a resposta da professora Ana: “no recreio é fundamental que haja uma interação entre as crianças. É nesse momento que eles devem brincar e expressar seus valores, se descontraíndo, fazendo o que lhe dar mais prazer que é brincar com a liberdade de ser criança.”

Já a professora Bia disse o seguinte: “No recreio as crianças se juntam com outras de séries diferentes, idades diferentes. Isso é importante no que diz respeito à sociedade e as experiências que são compartilhadas.” As duas professoras dialogam em um mesmo sentido, ao desenvolvimento da criança, de como viver bem o momento mais esperado por ela, que é o recreio. É total liberdade de expressão, é compartilhamento de muitas experiências.

Ao questioná-las na pergunta três, **sobre as brincadeiras das crianças na hora do recreio: qual seu ponto de vista como pedagoga sobre a importância das brincadeiras?** Como terceira pergunta, observemos as respostas das professoras junto com a diretora e a coordenadora pedagógica:

A diretora disse que: “As brincadeiras também ajudam a promover de forma lúdica e prazerosa o interesse pela escola, fazendo com que as crianças gostem da escola e queira voltar no outro dia.”

Já na fala da coordenadora observemos: “É uma necessidade, pois por mais que estejamos dirigindo as atividades elas gostam mesmo é de correr, é do pega-pega, pular.”

Professora Maria disse que:

Algumas enriquecem e alimentam o raciocínio lógico como jogos educativos; mas, outros deixamos cansados, suados e fatigados, o que dificulta a aprendizagem após o intervalo. Brincadeiras são boas desde que ensinam bons comportamentos e regras de convivência. Sem isso, não satisfaz.

A professora Maria fala em um enriquecimento do cognitivo da criança, mas na hora do brincar livre, ela fala que quando elas brincam livre, que é correndo, elas soam bastante e isso diminui o rendimento delas, pois a fadiga causada pelo brincar livre, as impedem de aprender. Então quer dizer, o brincar não é importante? Ele atrapalha o rendimento da criança? E ao brincar, elas não estão aprendendo? Sim, elas aprendem muito no momento do brincar, ela socializa com outras crianças, ela aprende a cultura do outro, ela ensina sua cultura ao outro, ela se diverte e ensina/aprende ao mesmo tempo. O suor é apenas um efeito daquilo que foi aprendido/ensinado na hora do intervalo.

De acordo com a professora Ana:

As brincadeiras permitem às crianças a fazer novas amizades, resolverem pequenos problemas de momentos, criam maneiras de continuar brincando, e o mais importante, respeitar as regras, isso quer dizer que o brincar também ensina alternativas de boa convivência.

Wajskop (1995) fala que essas ocasiões nas brincadeiras são necessárias, como fala a professora Ana. É nesses momentos que, mesmo sendo pouco tempo de 15 minutos, se deixado livre, pode ser aproveitado como cada um queira aproveitá-lo, seja correndo, seja como cada um queira, mas que seja livre, que uma escolha como queira usar o pouco tempo que eles têm.

É, portanto, na situação de brincadeira que as crianças podem se colocar desafios além de seu comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que lhes são propostos pelas pessoas e pela realidade com a qual interagem. Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência. Concomitantemente a esse processo, ao reiterarem situações de realidade, modificam-nas de acordo com suas

necessidades. Na atividade de brincar, as crianças vão construindo a consciências da realidade ao mesmo tempo em que já vivenciam uma possibilidade de modifica-la. (WAJSKOP, 1995, p. 67)

Na imagem abaixo vemos esses pequenos momentos em que quatro meninas conversam como se estivessem resolvendo algo entre elas mesmo, seja em combinar uma brincadeira, seja em resolver um problema, mas que seja livre. Não havia ali a presença do adulto, mas somente elas.



Figura 29: Crianças no recreio dirigido brincando livremente.
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Nessa imagem vemos claramente tanto a interação entre pares, como um momento de novas descobertas, novas amizades, aprendizado, um momento único, que com o recreio dirigido pode ser perdido, mas no momento livre, tudo pode ser construído.

Segundo a professora Bia: “brincadeiras dirigidas são importantes porque as crianças aprendem e colocam em prática alguns valores. Já as brincadeiras livres fazem com que as crianças criem, usem a imaginação e seja o que desejarem.”

A mesma professora também falou da importância de ter uma brincadeira dirigida, no sentido de jogo e brincadeiras de roda, como sua resposta na pergunta um, mas ressalta, ainda, que o brincar livre é de fato muito mais importante, pois é nesse momento que elas são o que desejam ser, fazem o que desejam fazer, e assim aprendem, muito.

Ainda sobre o que as docentes consideram como importante no recreio, pouco argumento a professora Joana apenas disse que: “É muito importante pois a criança cria situações imaginárias junto a seus colegas.”

Como a professora fala, a criança ao ter contato com outras e com objeto ao seu redor, não necessariamente o brinquedo, elas criam mesmo, muitas situações imaginarias,

mais muito além dessas situações imaginárias elas aprendem muito, e com esse aprendizado elas levam para toda a vida.

[...] as culturas infantis, são produzidas das suas próprias representações do mundo geradas nas interações entre os pares, nos jogos, nas brincadeiras e no uso das suas próprias capacidades expressivas de interações verbais, nas condições sociais em que as crianças compartilham com a cultura dos adultos. (SOUZA, 2009, p. 23)

Souza (2009), fala que o adulto também deve fazer parte do recreio, não somente como aquele que grita, quem impõe ordem quando vê as crianças correndo, pensam que tudo aquilo é um caos, uma desordem. Mal sabem eles que é através da interação com as outras do seu grupo de amizade que as crianças aprendem.

Em um dado momento da pesquisa, surgiu um grupo de estudantes de uma faculdade, apenas soube que eram alunos de uma faculdade que estavam no estágio e que trabalham na prefeitura municipal de Redenção, que queria desenvolver com as crianças umas brincadeiras dirigidas, em que foi convidada algumas salas para que fossem desenvolvidas o projeto dos alunos que tinham como foco, fazer com as crianças das salas maiores. Não tive como conversar com eles, pois nesse dia eu estava em sala de aula com essa turma que está na imagem logo abaixo.



Figura 30: Crianças no recreio dirigido
Fonte: Arquivo pessoal da autora



Figura 31: Crianças no recreio dirigido
Fonte: Arquivo pessoal da autora



Figura 32: Crianças no recreio dirigido
Fonte: Arquivo pessoal da autora



Figura 33: Crianças no recreio dirigido
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Nessas imagens vemos apenas uma sala de aula, uma turma de alunos, da mesma idade, que passam a manhã toda juntos. Então o brincar entre eles, nesse momento, não é um brincar livre, é um brincar dirigido.

Quanto à quarta pergunta, sobre o tempo destinado ao recreio para as crianças comerem, brincarem, dentre outras necessidades, obtive as seguintes respostas:

A diretora disse-me que: “É um tempo necessário para que as crianças se descontraíam um pouco até retornarem para suas atividades na sala de aula.”

A coordenadora pedagógica não respondeu às demais perguntas. Não sei por qual motivo, ou falta de atenção em não ter visto as demais perguntas no verso da folha, ou por não querer responder, não quis questioná-la.

De acordo com a professora Maria:

Como já falei anteriormente considero o tempo muito restrito. Um intervalo mínimo de 15 min onde não se consegue desenvolver nenhuma das atividades satisfatoriamente.

A professora Joana, disse que o tempo: “Deveria ser um pouco mais extenso.”

Já a professora Ana afirmou que:

O brincar é o saber que toda criança adquire com o outro. No caso do tempo ele será sempre pequeno quando o assunto é brincadeira. Mas dizer que 15 minutos destinados às crianças para merendar, ir ao banheiro, tomar água e brincar, já que as crianças não tem muita noção de tempo.

Conforme respondeu a professora Bia:

O tempo do recreio é mínimo. As crianças merendam e não sobra mais tempo. Muitas vezes outras necessidades como ir ao banheiro ultrapassam o tempo determinado.

O tempo do recreio é necessário para que antes de uma atividade e outra tenha um tempo livre, e nesse tempo ele não deve se comparar ao tempo que se passa dentro da sala de aula.

Nesse tempo que elas possam comer sem rapidez, pois pode causar um acidente, a criança pode engasgar, um tempo para brincar livre para ser usado como quiser, livre não no sentido de dar um jogo e pedir que ela se sente e fique ali quieta, mas no sentido

de deixar ela imaginar como quer brincar e o que ela quer fazer nesse tempo livre, e ainda fazendo parte do recreio, o tempo calmo que se tem para usar o banheiro e tomar água sem pressa.

As crianças possuem modos próprios de compreender e interagir com o mundo. A nós, professores, cabe favorecer a criação de um ambiente escolar onde a infância possa ser vivida em toda a sua plenitude, um espaço e um tempo de encontro entre os seus próprios espaços e tempos de ser criança dentro e fora da escola. (BRASIL, 2007, p. 31)

Cabe a cada um de nós como professores, de fato, beneficiar a criança com um tempo favorável, livre, sem correrias que não a impeça de usar sua imaginação como ela queira.

Na quinta pergunta, quis saber: **Qual a importância do recreio para as crianças dentro da escola?**

De acordo com a diretora:

O recreio é fundamental importância para que os alunos se socializem uns com os outros. As atividades e estratégias realizadas devem ser de forma educativa, sempre visando a mediação de conflitos que por ventura venha acontecer no intervalo.

A professora Maria disse o seguinte:

Considero que elas devam achar improdutivo. Alguns comentários como “não deu tempo nem lanchar, muito menos para conversar”, surte efeitos negativos. Resumindo o recreio não existe de modo produtivo e satisfatório!

Isso é verdade, em apenas 15 minutos não dá tempo nem mesmo de as professoras lancharem direito, nem os alunos, como as professoras pesquisadas responderam.

Prof.^a Joana falou que, “é um momento de descontração e reposição de energia.” Um curto momento em que elas recarregam as energias lanchando, mas a descontração fica a desejar. É no recreio que se aprende com o outro, com a diversidade do outro, pois são de culturas e valores diferentes e é necessário um tempo propício e satisfatório para que haja essa interação, é um momento de conhecimento da cultura e dos valores do outro.

Segundo a professora Ana “é no recreio que as crianças aprendem muito valores essenciais ao círculo de amizade, onde recarregam suas energias com aquilo que eles sabem fazer de melhor, o brincar. A escola deveria criar momentos na qual as crianças

pudessem exercitar suas atividades e comportamentos de uma forma dinâmica, amando e respeitando o outro.”

Professora Ana nos fala nesse sentido, pois a escola é um lugar onde tem o encontro de várias culturas, vários valores todos em um mesmo lugar.

É necessária uma liberdade, e essa liberdade acontece no recreio, onde é o momento mais esperado pela criança, pois “o recreio é o momento de lazer, é o momento em que elas saem daquela rotina da sala onde o tempo é cronometrado. É no recreio que as crianças se sentem livres.” Comentou professora Bia. Vejamos o que fala o documento criado pelo Ministério da Educação, sobre o: Ensino Fundamental de Nove anos: ações para a inclusão da criança de seis anos de idade:

A experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros – adultos e crianças. Mas essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de novo, com o seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura. (BRASIL, 2007, p. 33-34)

O brincar é um modo de mostrar a essência da criança, na audácia e na sutileza, na calma e na pressa, na simplicidade e na extravagância, seja como for, elas sempre serão crianças, onde aprendem com o outro, aprendem correndo, caindo, brigando, ou se chateando. É assim o aprender delas, e porque não as deixas livres para fazer o que querem?

Muitas vezes para o adulto o momento do recreio é uma desordem, crianças correrem, gritarem, se empurrarem, isso na cabeça do adulto é dotada de muita confusão, mas para elas são apenas diversão, mas na cabeça do professor que esqueceu que o recreio é importante para o desenvolvimento da criança. Onde aprendem indiretamente, é um aprender formal, pois está constituída dentro do currículo escolar, dentro da escola. Porque não dar liberdade e disponibilidade de espaços diversificados para que o desempenho seja favorável e elevado? Queremos mudanças, mas pouco nos dispomos para fazermos a mudança.

CONCLUSÃO

A hora do brincar dentro da escola é a melhor hora para toda criança, seja ela pequena ou maior, o brincar para cada uma delas sempre será movido de muita diversão e alegrias. A hora do recreio é o momento mais esperado por todas as crianças, pois é nesses pequenos momentos de alegria, em grupo ou individual, que elas aprendem e ensinam ao outro aquilo que sabem fazer de melhor, que é se divertir.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola do município de Redenção, que atende do infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo principal, o tempo destinado ao recreio. Busquei saber o que as professoras pensavam sobre o tempo do recreio, escutando também a diretora da escola junto com a opinião da coordenadora pedagógica e observando as crianças no momento do intervalo.

No primeiro capítulo intitulado “Cultura da Infância na escola”, falo do interesse em pesquisar esse tema que partiu da observação do meu filho de seis anos no processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental, procurei apresentar a escola, quanto a sua estrutura, como são as salas de aula, o pátio, a quantidade de alunos. Descrevo também um parquinho que se localiza perto da escola com alguns brinquedos velhos e quebrados. No penúltimo subtópico, dialogo sobre o brincar, os vários sentidos do brincar, à luz dos autores, ressaltando a importância do brincar, a importância do tempo, o quanto é formidável deixar um tempo livre, para que toda criança seja livre no recreio dentro da escola. Ressalto também a ludicidade no recreio, uma cultura surpreendente que a criança aprende com a outra em diversos espaços. Nesse espaço repleto de construção social, intelectual, é um momento de aprendizagem de ensinar sua cultura e aprender com a cultura do outro. Concluindo que, o meu sentimento e desejo pelo brincar, pelo tempo também destinado ao brincar, estava muito ligado ao dos autores que dialogo tanto no capítulo um, quanto nos demais capítulos, de fazer algo, como esse trabalho, para que o recreio seja reconhecido e dado o valor, como um momento livre.

Já no segundo capítulo, descrevo um pouco sobre a rotina da escola, aonde temos imagens que mostram momentos do recreio dirigido pelos monitores do projeto *Mais Educação*. Alguns poucos momentos do recreio livre, aonde crianças lancham na escada da escola. O tempo do recreio, que é o tema principal do segundo capítulo, fala dos raros momentos que observei as crianças brincando livremente, aonde as imagens falam por si.

Descrevo além disso o espaço do recreio, com imagens, e também com o que observei, o brincar no recreio, do que elas brincam, se é livre ou dirigido, ressaltando o brincar livre. Apresento a importância de deixar o brinquedo livre para que elas usem a imaginação. Acabei chegando na conclusão que já imaginava, que o brincar livre, correndo, pulando, usando o brinquedo como elas querem, é muito cheio de aprendizagem, porém na escola pesquisada o brincar não é livre. Além de estar sentado em uma cadeira e mesa, com livros, lápis e borracha, é necessário e muito importante que elas, tenham esse momento livre para aprender aquilo que não se aprende dentro da sala de aula, a cultura do outro, as particularidades do outro.

Foi então que, de acordo com os dados coletados e catalogados no capítulo 3, constatei que, de fato, o recreio não é favorecido como um momento também de aprendizagem para além da sala de aula, do uso do caderno, livro e lápis.

O tempo destinado ao recreio na escola em que a pesquisa foi realizada é de apenas 15 minutos, em que o mesmo tempo de 15 minutos é em todas as escolas do município, um tempo muito restrito, que é dividido entre a fila do lanche, o brincar, a fila do banheiro e a fila do bebedouro. De fato, é um tempo em que pouco se aprende e pouco ou quase nada é dado valor no currículo, para as crianças dentro do currículo da escola pesquisada.

Catalogando os dados coletados pelos questionários, é quase unânime a opinião das professoras sobre o tempo que é considerado muito pouco, tanto destinado ao recreio para as crianças, com o intervalo de descanso entre um momento e outro da aula, uma vez que as salas de aulas são muito lotadas.

Diferente da opinião das professoras, a diretora considera um tempo suficiente, onde há descontração para que em seguida se dirijam as salas de aula.

A pesquisa me ajudou a descobrir o quanto devemos dar a importância verdadeira para o tempo destinado ao recreio e o quanto se faz necessário deixá-las livremente. Aprendi que as coisas não são simples, não são como eu imaginava, que chegaria na escola mostrando a importância do recreio livre e do tempo destinado ao mesmo, e já de cara seria bem acolhida e escutada.

Mas aprendi com tudo o que vivi, ouvi e vi dentro da escola pesquisada, que nem todos podem falar o que pensam, pois estão presas, tem medo de perder o emprego, em

um sistema que só emprega se for na base da conversa baixa. O professor não tem vez, a não ser que ele seja concursado, que foi o caso de três das quanto professoras que responderam ao questionário sem se importar com a resposta, falaram aquilo que pensam ser o certo e o errado.

As contribuições para o meu aprendizado no decorrer dessa pesquisa foram muito satisfatórias, aprendi que não basta ter somente um desejo, uma vontade de mudar, de fazer algo, é necessário ir e fazer, sem medo. Aprendi que a criança é de fato o berço da humanidade, é nelas que devemos depositar tudo o que sabemos como educador, é para elas que faço esse trabalho e que pretendo dar continuidade até que seja visto o recreio como um tempo livre e cheio de aprendizado, até que todos os professores percebam o quanto é importante e o quanto elas são importantes para o futuro do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, A.; LEVCOITZ, D.; RODRIGUES, T. C. *Infâncias em educação infantil*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a12.pdf>. Acesso em: 03 de abr. 2018.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. *Base Nacional Curricular Comum*. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 03 de nov. 2017.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. *Referencial curricular nacional para a educação infantil: Formação pessoal e social, volume 2*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Data de acesso: 03 de novembro de 2017.

BRASIL. Ministério da educação. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>. Acesso em: 30 de out. 2017.

BRASIL. Ministério da educação. *Ensino fundamental de nove anos: Orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 30 de out. 2017.

CORSARO, William. A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre. Artmed, 2011.

FARIA, Ana Lúcia G. de. *Territórios da infância: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas: 2. Ed.* Araraquara: Junqueira e Marin, 2012.

FARIA, Ana Lúcia G. de.; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri.; PADRO, Patrícia Dias. *Por Uma Cultura da Infância: Metodologia de Pesquisa com crianças: 3. Ed.* Campinas: Autores Associados. 2009.

FRANZ, E.; PERUZZO, J.; RODRIGUES, L. B. S. *A cultura do brincar no recreio escolar*. Disponível em: < <http://www2.unifap.br/alexandresantiago/files/2012/03/Normas-da-ABNT.pdf>>. Acesso em: 10 de abr. 2018.

FREIRE, R. T. J.; BORTOLANZA, A. M. E. *Sobre letrar ou alfabetizar na educação infantil: A linguagem na base nacional comum curricular*. Disponível em: <file:///C:/Users/User1/Downloads/182-334-1-SM.pdf>. Acesso em: 30 de out. 2017.

GRAIDY, Carmem Maria.; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. *Educação infantil: pra que te quero?*. Porto Alegre: Artes Mèdicas, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Brinquedo e brincadeiras na educação infantil*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>. Acesso em: 10 de abr. 2018.

KRAMER, S.; NINES, M. F. R.; CORSINO, P. *Infância e crianças de 6 anos: desafios das tradições na educação infantil e no ensino fundamental*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a05>. Acesso em: 03 de nov. 2017.

KRAMER, Sonia. *O papel social da educação infantil*. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/mre000082.pdf>. Acesso em: 03 de nov. 2017.

SANTOS, Celiane Oliveira dos. *As concepções das crianças, professora e coordenadora pedagógica sobre o recreio como atividade da rotina em uma escola pública de educação infantil na cidade de fortaleza*. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14788/1/2015_dis_cosantos.pdf. Acesso em: 03 de nov. 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. Disponível em: <https://iesb.blackboard.com/bbcswebdav/institution/Ead/disciplinas/EADG387/nova/files/acervo/UIA1/texto1.pdf>. Acesso em: 10 de abr. 2018.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 30 de out. 2017.

SOUZA, Ana Paula Vieira. *As culturas infantis no espaço e tempo do recreio: Constituindo singularidades sobre a criança*. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/1983/1/Dissertacao_CulturasInfantinsEspaco.pdf. Acesso em: 10 de abr. 2018.

VILLELA, Ana Lucia. *Territórios do brincar: Diálogos com escolas*. Disponível em: <http://territoriodobrincar.com.br/wp->

content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio do Brincar-Di%C3%A1logo com Escolas-Livro.pdf. Acesso em: 05 de out. 2017.

WAJSKOP, Gisela. *O brincar na educação Infantil*. Disponível em: Cad. Pesq., São Paulo, n.92, p.62-69, fev. 1995. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/859>. Acesso em: 28 de abr. 2018.

WÜRDIG, Rogério Costa. *Recreio: Os sentidos do brincar do ponto de vista das crianças*. Disponível em: <file:///C:/Users/User1/Downloads/2427-7214-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2017.

ANEXOS



Respondendo esse pequeno questionário você estará ajudando a contribuir com o meu trabalho de conclusão do curso de pedagogia da UNILAB. Obrigado.

1. Discorra um pouco sobre o que você acredita ser importante no recreio.

2. Como é o recreio no seu ambiente de trabalho? Comente.

3. E sobre as brincadeiras das crianças na hora do recreio. Qual seu ponto de vista como pedagogo sobre a importância das brincadeiras?

4. Sobre o tempo do recreio. O que você diria para o tempo que é dado para as crianças comer, brincar e dentre outras necessidades delas. Comente.

5. Qual a importância do recreio para as crianças dentro da escola?
